

la. A preferência por Espanha é notória, ansiava regressar, quiçá pela insuportabilidade das nossas estalagens, sujas e desconfortáveis, ainda pelo péssimo estado das estradas, a rudeza das gentes, o que a levou a escrever 'os Portugueses são, em geral, servis e mal criados'.

John Allen é consideravelmente mais tolerante em relação às pessoas, considerando os nossos homens mais altos e as mulheres com melhor figura. Mais marcado pela política e pela cultura, Lord Holland não deixa de referir que a ópera em Portugal não desmerecia das restantes capitais europeias, e as suas anotações políticas aclaram muito do processo de transformação que estava em curso.

Assinale-se que os Holland eram assuadamente marcados pelo livre pensamento, pelo que, ao contrário de outros viajantes britânicos, não maifestam quaisquer preconceitos anticatólicos. No contacto com mosteiros, reconhecem a solidez de carácter de monjes, apreciam a beleza exterior das igrejas. Na visita a Coimbra, se há um interessante registo de ser uma cidade de padres e estudantes, aos últimos aponta-se a soberba, ao mesmo tempo exalta-se a excelência da biblioteca joanina, entre outras apreciações de viés cultural.

Na passagem por Pombal, fica registada a modéstia do caixão insepulto do ministro de D.José, a aguardar mausoléu conveniente, tapado com um pano preto a um canto da igreja, desde 1782, ano da sua morte.

Reiteramos, enfim, a importância dos três diários, independentemente de imprecisões vaticinadoras de desfechos militares e políticos, ou por isso mesmo, para um melhor conhecimento de Portugal, suas fauna e flora, seus costumes e práticas, naquele período crucial da nossa história.

Nas várias entradas, é assinalável o olhar sobre os principais monumentos, a curiosidade popular e os convites das gentes gradadas das terras, as oferendas,

a característica hospitalidade das nossas gentes.

Absolutamente incontornável, pelo rigor da análise e pluralidade disciplinar a *Introdução* de José Batista de Sousa. É um notável historiador e investigador das novas gerações, que estuda a *Holland House* e é uma das mais importantes personalidades científicas das relações anglo-portuguesas nos domínios da Cultura.

Estamos, em nosso entender, perante uma obra que interessa não só aos estudiosos do saber histórico, na sua possível poliedria, como ao público em geral, por ser uma leitura de proveito intelectual e ameno reconhecimento de um Portugal onde nos podemos reconhecer.

José Henrique Dias

Instituto Superior Miguel Torga

Clara Pereira Coutinho. 2011. *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 343 pp. Coimbra: Almedina. ISBN 978-972-40-4487-3

Este é um manual de consulta bastante útil para alunos de Mestrado e Doutoramento, na planificação metodológica e tratamento de resultados, apresentando, de forma clara e objetiva, os tópicos fundamentais para a realização de um trabalho de investigação científica. Cada capítulo do livro de Clara Pereira Coutinho termina com a apresentação de atividades e com referências bibliográficas, constituindo outra importante mais valia desta obra que é dividida em três partes e 15 capítulos.

A Parte I – Fundamentos Teóricos da Investigação em Ciências Sociais e Humanas – compreende o capítulo 1, Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação, explorando a transição do nível paradigmático para o nível metodológico e a tendência atual de integração metodológica.

A Parte II – O Processo de Investigação em Ciências Sociais e Humanas – inclui os capítulos 2 a 10.

O capítulo 2 – Problema e Hipótese – é de extrema utilidade, uma vez que a correta formulação do problema de investigação é um passo fundamental para a concretização da pesquisa. A autora aborda o grau de especificidade do problema de investigação, as fontes para a definição e critérios de avaliação e discute a hipótese de investigação.

No capítulo 3 – Revisão da Literatura – são explicadas as fases da revisão da literatura; a revisão das fontes secundárias; identificação das palavras chave ou descritores; localização das fontes primárias e como estas devem ser organizadas; e a importante questão de como avaliar a literatura.

De seguida, o capítulo 4 – Definição de Variáveis – trata da classificação das variáveis, a sua escala de medida e o controlo, fazendo referência à validade interna e validade externa.

Com o título Amostra, o capítulo 5 apresenta a forma de seleção da amostra, um passo crucial na investigação, num quadro probabilístico e não probabilístico, e a dimensão da amostra.

De modo sistemático, são apresentados, no capítulo 6 – Recolha de Dados – os principais procedimentos de recolha de dados e os instrumentos de recolha. O capítulo termina com a questão da validade e fiabilidade do instrumento, indicando diversas técnicas para a concretização deste objetivo.

No capítulo 7 – Estatística Descritiva – Clara Pereira Coutinho explora as principais técnicas de análise no domínio da estatística descritiva: apresentação de dados de uma distribuição (tabelas de frequência); descrição das distribuições; medidas de tendência central e medidas de variabilidade; medidas de relação (dando ênfase aos vários tipos de coeficiente de correlação e sua representação gráfica).

O capítulo 8, com o título Estatística

Inferencial, aborda a curva normal; a noção de inferência estatística; testes de hipóteses (uni caudais ou bilaterais); nível de significância do estudo; distinção entre erro tipo I e erro tipo II. O capítulo termina com a distinção estatística paramétrica/estatística não paramétrica e apresentando os critérios para o seu uso.

Em Análise de Dados em Planos Qualitativos, o capítulo 9, são apresentadas a redução de dados e sua codificação e a análise de conteúdo, abordando a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Nesta sequência, a autora desenvolve, no capítulo 10 – Validade e Fiabilidade na Investigação Qualitativa – uma abordagem de diferentes correntes qualitativas, desde a posição purista à unificação terminológica, terminando com a referência à natureza da verificação na pesquisa qualitativa.

A discussão é dirigida no capítulo 11 – O Relatório de Investigação – para o modo como se deve proceder à divulgação dos resultados, sugerindo a estrutura e redação de um relatório de investigação.

A Parte 3 – Planos de Investigação – compreende os capítulos 12 a 15.

No capítulo 12 – Investigação Experimental – a autora começa por fazer uma breve caracterização geral, seguindo-se a apresentação dos planos pré-experimentais, planos experimentais puros, planos quase experimentais, terminando com as possíveis fontes de invalidade e de erro em cada um dos planos abordados.

Assim, à semelhança do capítulo anterior, o tema do capítulo 13 – Planos Não Experimentais ou Descritivos – são os principais planos não experimentais: plano ex post facto ou causal comparativo; plano correlacional; inquérito ou survey. O capítulo termina com a referência a estudos psicométricos relativos a cada um destes tipos de planos.

O capítulo 14 – Planos Qualitativos – constitui uma breve caracterização geral, apresentando o estudo de caso, os estu-

dos etnográficos e os critérios para a avaliar a qualidade de um estudo qualitativo.

E o capítulo 15 – Planos Multi-Methodológicos ou Mistos – constitui uma abordagem sobre a investigação-ação, os estudos de avaliação e a investigação analítica, terminando com um quadro síntese muito útil e de fácil consulta.

Consequentemente, este é um livro de grande utilidade para aqueles que desenvolvem investigação científica em Ciências Sociais e Humanas, em particu-

lar porque a autora aborda metodologias qualitativas e metodologias quantitativas, permitindo compreender as vantagens e as desvantagens de cada uma destas opções metodológicas e, de igual modo, compreender o porquê da escolha por uma metodologia mista.

Susana Ramos

*Faculdade de Desporto e Educação
Física da Universidade de Coimbra /
Instituto Superior Miguel Torga*